

Santos Dumont para crianças: biografia, política cultural e construção de um herói durante o Estado Novo

ANDRÉ BARBOSA FRAGA*

Resumo

Este artigo aborda o período da nossa história no qual houve um dos maiores investimentos em torno da figura de Santos Dumont: o primeiro governo de Getúlio Vargas. Na década de 1940, inúmeras políticas culturais foram desenvolvidas com a intenção de inserir definitivamente o inventor brasileiro no panteão dos heróis nacionais. O objetivo do presente artigo é justamente o de analisar uma delas com mais profundidade: a biografia *Santos Dumont para crianças*, publicada em 1942 na coleção “Biblioteca Pátria”.

Palavras-chave: Santos Dumont; Era Vargas; Memória.

Santos Dumont for children: biography, cultural policy and the construction of a hero during the “Estado Novo”

Abstract

This article analyzes the period of our history in which there was one of the biggest investments around the figure of Santos Dumont: the first government of Getulio Vargas. In the 1940s, numerous cultural policies were developed with the intention to permanently enter the Brazilian inventor in the pantheon of national heroes. The purpose of this article is precisely to analyze one of them in more depth: the biography *Santos Dumont for children*, published in 1942 in “Homeland Library” collection.

Keywords: Santos Dumont; Vargas’ Era; Memory.



* **ANDRÉ BARBOSA FRAGA** é Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH/UFF).

1 – Introdução

De 11 de julho a 03 de outubro de 2012 foi ao ar, na rede de televisão SBT, o programa intitulado “O Maior Brasileiro de Todos os Tempos”, apresentado pelo jornalista Carlos Nascimento. Baseado no formato criado pela emissora britânica BBC, *100 Greatest Britons*, e recebendo a sua consultoria na produção, o programa buscou mobilizar um debate nacional para eleger “aquele que fez mais pela nação, que se destacou pelo seu legado à sociedade”¹. Na primeira fase do projeto, em anúncio realizado na televisão aberta, o SBT pediu que seus telespectadores votassem no site oficial, indicando livremente o seu favorito, sendo validados mais de 1 milhão de votos, apenas indicações de brasileiros natos ou naturalizados e que não fossem personagens de ficção.

Na segunda etapa, foram apresentados os 100 mais votados, dos quais apenas os 12 primeiros seriam finalistas². Depois disso, os episódios exibidos nas 12 semanas seguintes retrataram a história e a obra de cada um dos selecionados. Por fim, na terceira fase do programa os 12 escolhidos se enfrentaram por meio de eliminatórias definidas por sorteio, sobrando apenas 3

que chegariam à final e disputariam a preferência do público. Na primeira eliminatória, Santos Dumont disputou com Tiradentes, vencendo com 65,5% dos votos, que podiam ser dados pela internet e via SMS. Na semifinal, ele enfrentou Juscelino Kubitschek, novamente sendo escolhido, com 50,6% dos votos. Com isso, Santos Dumont chegou à grande final, juntamente com Princesa Isabel e Chico Xavier. Este último acabou sagrando-se vencedor, com 71,4% dos votos e foi considerado, então, o “Maior Brasileiro de Todos os Tempos”.

A chegada de Santos Dumont à final, ficando entre os 3 primeiros colocados, dos 100 iniciais, permite-nos refletir sobre as motivações que teriam conduzido uma parte da população a escolhê-lo e também sobre a força que uma determinada representação positiva do personagem ganhou na sociedade brasileira, representação essa que, em grande medida, começou a ser pensada e ganhou contornos identitários importantes no final dos anos 1930 e nos anos 1940. A avaliação sobre um personagem histórico é construída por influências vindas de vários lados, de todas as esferas da vida social, sendo conformada como resultado de experiências que envolvem o contato com escolas; filmes; peças de teatro; minisséries; relatos orais, principalmente de membros da família, como os avós; livros, em especial os didáticos e as biografias; datas cívicas; estátuas; museus; partidos políticos; cemitérios; centros culturais; músicas; obras de arte; poesias; entre outros. O imaginário positivo acerca de Santos Dumont, responsável pela boa colocação alcançada no programa do SBT, é resultado, em grande parte, de uma herança de representações herdada historicamente e que contribui enormemente para o desenvolvimento

¹ Todas as informações aqui presentes foram obtidas no site oficial do programa: <http://www.sbt.com.br/omaiorbrasileiro>. Acesso em: 09 de agosto de 2013. Já apresentado em várias partes do mundo, diversos países apontaram seus maiores representantes, sendo alguns exemplos: Inglaterra (Winston Churchill), Itália (Leonardo da Vinci), África do Sul (Nelson Mandela), Chile (Salvador Allende) e França (Charles de Gaulle).

² O programa apresentou os 12 finalistas em ordem alfabética, sendo eles: Ayrton Senna, Chico Xavier, Fernando Henrique Cardoso, Getúlio Vargas, Irmã Dulce, Juscelino Kubitschek, Luiz Inácio Lula da Silva, Oscar Niemeyer, Pelé (Edson Arantes do Nascimento), Princesa Isabel, Santos Dumont e Tiradentes (Joaquim José da Silva Xavier).

de uma memória coletiva sobre este personagem.

O objetivo do presente artigo é o de analisar o livro *Santos Dumont para Crianças*, pertencente a uma coleção chamada “Biblioteca Pátria” e produzido em período da nossa história no qual houve um dos maiores investimentos em torno da figura de Santos Dumont: o primeiro governo Vargas. Por meio de um projeto direcionado a inserir definitivamente o inventor brasileiro no panteão dos heróis nacionais, uma quantidade substancial de políticas culturais foi desenvolvida. Tais ações, empregadas sobretudo na década de 1940, principalmente por causa da importância que a aviação passou a desempenhar durante a Segunda Guerra Mundial, obtiveram um resultado favorável às expectativas depositadas, inclusive deixando marcas que podem ser sentidas até hoje.

2 – As representações sobre Santos Dumont na década de 1930

Podemos dizer que um culto à figura de Santos Dumont teve início logo após a sua morte, em 23 de julho de 1932. No entanto, várias dessas ações que visavam a rememorar o personagem, nos anos 1930, não foram pensadas e nem organizadas pelo governo Vargas, recebendo muitas vezes dele apenas o seu aval e reconhecimento. As próprias homenagens ao inventor brasileiro por ocasião de seu enterro, no dia 21 de dezembro de 1932, no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, tiveram como organizador o Centro Carioca³, e

³ O Centro Carioca foi uma Associação Civil fundada em 20 de janeiro de 1916 na cidade do Rio de Janeiro e reconhecida como de utilidade pública em 1923. Tinha as seguintes funções: congregar os cariocas para uni-los e defendê-los em seus direitos individuais e coletivos; cuidar dos interesses da cidade, zelando pelo seu

foi sua diretoria quem requisitou e insistiu para que Vargas, então chefe do Governo Provisório, concedesse as honras de chefe de Estado para Santos Dumont e decretasse ponto facultativo no dia de seu enterro, o que foi atendido⁴. Em todas essas celebrações, o destaque foi dado ao caráter brilhante do personagem, entendido como um ser excepcional, fora do comum. Dessa maneira, suas invenções deveriam ser entendidas e reconhecidas como obras de um gênio.

Mesmo muitas das produções culturais do período, elaboradas pelo governo, que faziam referência a personagens históricos brasileiros, não traziam o inventor do avião como destaque. Por exemplo, Santos Dumont não foi escolhido pelo ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, como um dos 28 vultos históricos selecionados para serem homenageados em uma série de palestras elaborada por ele de 1936 a 1938, intitulada “Os nossos grandes mortos”⁵. Dessa maneira, as

progresso e bom nome; fornecer benefícios aos seus associados em caso de moléstia ou para gastos com funeral e pensão às famílias; criar um fundo para empréstimo e construção de casas, assim como manter asilos e hospitais; proporcionar diversões e criar bibliotecas; promover a comemoração da data de fundação da cidade, 20 de janeiro de 1567; e organizar biografias de homens ilustres. Ver: “Sociedades Civis”. *Diário Oficial da União*, sexta-feira, 07 de fevereiro de 1930. Seção 1. P. 87.

⁴ Carta enviada, em 20 de outubro de 1932, pelo segundo secretário do Centro Carioca, Júlio Lopes Guedes Pinto, a André Gustavo Paulo de Frontin, comunicando-lhe que seu nome foi escolhido para integrar a Comissão Popular das Homenagens a Santos Dumont. Arquivo do IHGB/Fundo Paulo de Frontin, Lata 1301, Pasta 110.

⁵ Os 28 personagens apresentados na série “Os nossos grandes mortos” foram: Olavo Bilac, Carlos Gomes, Duque de Caxias, Pereira Passos, Couto de Magalhães, Benjamin Constant, Visconde de Cairú, Quintino Bocaiuva, Intendente Câmara, D. Vital, Manuel

representações sobre Santos Dumont na década de 1930 foram marcadas, principalmente, pela pouca participação do governo e pela disseminação das imagens que viam no inventor mais do que um homem comum: um gênio.

No entanto, as novas conjunturas internas e externas formadas no final dos anos 1930, mas que ganharam força no alvorecer da década de 1940, possibilitaram a alteração desse quadro. Principalmente o impacto da 2ª Guerra Mundial e seus desdobramentos vão pesar a favor da figura do inventor, que logo se tornou foco privilegiado dos olhares atentos dos integrantes do regime. A representação de Santos Dumont principalmente como um gênio já não era suficiente, não atendia mais às expectativas e aos novos desafios abertos com a chegada de um novo decênio, que pareciam exigir a intensificação de sua imagem como herói.

3 – As representações sobre Santos Dumont na década de 1940

Na década de 1940, vai haver um investimento substancial na figura de Santos Dumont como nunca tinha acontecido até então. Quatro fatores ajudam a explicar esse repentino interesse: a deflagração da Segunda Guerra Mundial, a criação do Ministério da Aeronáutica, a entrada do Brasil no conflito e a intensificação de uma batalha de memória internacional sobre a primazia do voo no “mais pesado do

que o ar”⁶. O crescimento da importância de Santos Dumont nesse momento histórico foi proporcional ao crescimento da importância da aviação no mesmo período.

Durante a Segunda Guerra Mundial, três questões foram privilegiadas pelo governo Vargas, tal a importância e posição estratégica que elas passaram a desempenhar, principalmente a partir de 1942, quando o Brasil se tornou um dos países beligerantes, apoiando os Aliados e lutando contra o nazi-fascismo: a unidade nacional, a defesa nacional e o patriotismo. Para divulgar e fortalecer esses valores, o Estado Novo foi buscar no passado personagens históricos que de alguma maneira teriam contribuído para o desenvolvimento da aviação no Brasil, tornando-se pioneiros do ar. Para representar o rápido desenvolvimento da aviação, o governo Vargas, que tinha atribuído a si a função de organizar o Brasil moderno, optou, portanto, por um herói moderno, como Santos Dumont.

Em relação à questão da unidade nacional, para o governo, o avião era capaz de vencer as dimensões difíceis e de reduzir distâncias, alcançando áreas desconhecidas, permitindo ao Brasil conhecer-se. Além disso, a invenção de Santos Dumont, mais do que nunca, tinha a função fundamental de garantir a soberania do Brasil frente às investidas

⁶ Em 1940, os Estados Unidos, como parte de sua política da “boa vizinhança”, de integração do continente, estabeleceram o “dia da Aviação Pan-americana”, a ser comemorado anualmente por toda a América em 17 de dezembro, dia no qual os irmãos Wright teriam realizado o primeiro voo bem-sucedido de aeroplano da história. Essa representação claramente rivalizava com aquela que estava sendo construída pelo Brasil e por isso recebeu muitas críticas e acabou por estimular o fortalecimento e a ampliação do projeto do governo Vargas de valorizar o inventor brasileiro, provocando um crescimento expressivo de políticas culturais com tal objetivo.

de Araújo Porto Alegre, Castro Alves, Barão de Cotegipe, José do Patrocínio, Padre José Maurício, João Caetano, Manoel Antonio de Almeida, Barão do Rio Branco, Teófilo Otoni, D. Pedro II, Jackson de Figueiredo, Marquês de Barbacena, Alexandre Rodrigues Ferreira, Euclides da Cunha, Farias de Brito, Capistrano de Abreu, Alphonsus de Guimarães e José Bonifácio.

dos países do Eixo, principalmente da Alemanha, que volta e meia fazia incursões sobre a costa da América do Sul. Por fim, em relação ao patriotismo, Santos Dumont foi retratado como um dos grandes modelos de amor incondicional à terra natal. Quando ganhou projeção internacional na França, fez questão de destacar sua identidade brasileira.

De 1941 a 1945, o Estado vai procurar de forma hegemônica ser o “gestor da memória”⁷ sobre Santos Dumont. Podemos dizer que o investimento necessário para tanto ficou a cargo principalmente de três ministérios do Estado Novo, a saber, o da Aeronáutica, o das Relações Exteriores e o da Educação e Saúde. A tática utilizada para transformar Santos Dumont em herói, elevando sua posição no panteão nacional brasileiro, foi a de aproximá-lo dos jovens. Procurando indícios dessa aproximação, pretendida pelo governo Vargas, entre os jovens e a figura de Santos Dumont, chegamos a uma série de ações culturais empregadas nesse sentido, da qual apresentaremos dois exemplos.

Dois eventos ocorridos, respectivamente, em 1942 e 1944, procuraram coroar definitivamente Santos Dumont como herói nacional: a construção de sua estátua na cidade do Rio de Janeiro e a aparição pública de seu coração, que foi doado ao Ministério da Aeronáutica. O lançamento da pedra fundamental de construção do monumento a Santos Dumont ocorreu em 23 de outubro de

1941, e exatamente um ano depois, em 23 de outubro de 1942, a escultura, de autoria de Amadeu Zanni, foi inaugurada no Aeroporto Santos Dumont.

Se a ereção do monumento tinha principalmente a função de eternizar as proezas do inventor do avião, a aparição do seu coração prioritariamente buscava mexer com a emoção e o sentimento dos brasileiros. Durante as comemorações da “Semana da Asa”, em 24 de outubro de 1944, na sede do Aeroclube do Brasil, no Rio de Janeiro, foi realizada a cerimônia de entrega do escrínio contendo o coração de Santos Dumont pelo presidente da empresa Panair do Brasil, Paulo Sampaio, ao ministro da Aeronáutica, Salgado Filho. Paulo Sampaio, segundo relatou em entrevista à imprensa, obteve o coração pouco tempo depois de este ter sido retirado do corpo de Santos Dumont, por médicos paulistas por ocasião da autópsia, em 1932, e por eles conservado em um globo de cristal. Durante a cerimônia, diante de autoridades governamentais, oficiais da FAB e aviadores civis, a preciosa relíquia, conservada por uma empresa particular, teria a partir daquele momento um destino que se queria grandioso: o de ser guardada pela nação brasileira⁸.

4 – Um herói a povoar a mente e o coração da juventude brasileira: “Santos Dumont para crianças”

Conforme observado no ponto anterior, a década de 1940, principalmente sua primeira metade, vai ser marcada pela intensificação de ações, patrocinadas

⁷ Expressão utilizada por Fernando Catroga para designar a ação de determinados grupos políticos que investiram esforços na construção privilegiada de uma representação sobre um indivíduo considerado influente às suas legendas partidárias, com o propósito de consagrá-lo (CATROGA, 1999: 197).

⁸ Ver: “A entrega do escrínio contendo o coração de Santos Dumont, ontem, no A. C. B.”. *Jornal A Manhã*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 25 de outubro de 1944. P. 10; e “Gênio e coração”. *Jornal A manhã*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 26 de outubro de 1944. P. 5.

por integrantes do governo Vargas, visando a inserir a figura de Alberto Santos Dumont em lugar de destaque no panteão dos heróis nacionais. Para alcançar tal objetivo, optou-se por diversificar os campos de atuação, agindo em diversas frentes, com políticas culturais as mais diversas, dentre as quais cabe mencionar a construção de estátuas, a composição de músicas, a celebração de datas marcantes na vida do personagem e a elaboração de discursos. Daqui para frente, voltaremos nossa atenção a outro produto cultural que tem sido indispensável a qualquer projeto de glorificação de personagens históricos, que vislumbre fazê-los se perpetuarem na memória dos grupos aos quais se destinam: a biografia.

No que diz respeito a esse gênero literário, é importante destacar que nos anos de 1930 e 1940 vai haver no conjunto da produção de livros do país uma significativa proliferação da elaboração e do consumo de biografias, que foi reflexo de um processo mais amplo pelo qual o mercado editorial brasileiro passava nesse momento, marcado por um vigoroso surto editorial e por uma grande expansão na venda de livros, caracterizados pela modernização das técnicas industriais e comerciais de produção e distribuição. Tal crescimento pode ser explicado, entre outros fatores, pela expansão da escola secundária, que trouxe o aumento da produção de compêndios; e pelo decréscimo da importação de obras estrangeiras por causa da crise de 1929, que acarretou a desvalorização da moeda brasileira frente às estrangeiras e estimulou, assim, a produção nacional (REZNIK, 1992: 28).

Junto com o crescimento da importância desse gênero literário no período, crescem também os questionamentos

sobre as formas de se construírem narrativas de vida, multiplicando-se, assim, as maneiras do fazer biográfico e os diversos usos da escrita biográfica. Nesse processo, alguns escritores como Octávio Tarquínio de Sousa promovem uma alteração na fórmula há muito enraizada na construção de biografias sustentadas unicamente no culto à personalidade de vultos nacionais e nas qualidades singulares que os permitiram se tornarem heróis, apostando na renovação do campo, ao se discutir a emergência de uma biografia moderna.

No lugar de uma formulação biográfica que se pode chamar de “antiga”, caracterizada pela natureza apologética e pelo caráter ficcional, a formulação “moderna” seria caracterizada pela fidedignidade, exatidão e caráter realista. Esta última seria ancorada no distanciamento crítico do biógrafo e na profundidade com a qual pesquisaria sobre a vida do biografado. O objetivo era o de humanizar o personagem a ser retratado, apresentando não só suas qualidades, mas também seus defeitos, e ao invés de escamotear as contradições, estas seriam postas em evidência, como parte constituinte de sua personalidade⁹. Obviamente, das duas diferentes concepções biográficas que passam a coexistir, o governo Vargas estava mais interessado na formulação “antiga”, pois era a que melhor se adequava aos seus interesses nacionalistas, passando, portanto, a investir nela.

Além da proliferação dos diferentes tipos de escrita biográfica apresentados, outra marca do mercado editorial brasileiro que se sobressai nos decênios de 1930 e 1940 é a aposta de grandes

⁹ Para uma análise da relação entre a escrita biográfica e a escrita histórica nas décadas de 1930 a 1940 no Brasil, assim como das discussões em torno da implantação da biografia moderna, ver: GONÇALVES, 2009.

editoras no sucesso da venda de coleções de livros. Importantes editoras passaram a investir em publicações seriadas, como a Martins Fontes (“Biblioteca Histórica Brasileira”), a José Olympio (“Coleção Documentos Brasileiros”) e a Cia. Editora Nacional (“Coleção Brasileira”), que eram direcionadas a categorias de públicos específicos e diferenciados, como viajantes, mulheres, crianças, o que levou à segmentação do mercado da leitura (DUTRA, 2006: 300 e 313).

Portanto, uma das marcas mais evidentes desse *boom* editorial no período destacado foi o aumento significativo na produção de coleções, que incentivaram as editoras a produzirem livros com preços reduzidos e em maior escala. Muitas editoras estimuladas pelo sucesso instantâneo de vendas que estavam alcançando as duas grandes inovações surgidas no campo literário dos anos 30/40, a saber, as produções de coleções e as produções de biografias, tiveram a ideia de conjugar os dois projetos de destaque, em busca de um sucesso ainda mais estrondoso, investindo, desse modo, todas as suas fichas na produção de coleções biográficas.

Se por um lado o sucesso dessas coleções vai despertar nos empresários proprietários das editoras um interesse monetário, por outro vai despertar nos integrantes do governo Vargas um interesse político-ideológico. A partir principalmente de 1935 e, com ainda mais intensidade no Estado Novo, essas coleções biográficas vão ser consideradas lugares estratégicos para se colocar em prática o projeto de celebração de personagens históricos e de construção de heróis nacionais elaborado pelo regime, ávido pela valorização da história do Brasil e pela “recuperação do passado nacional”. De

tão estratégicos vão se tornar mais um dos elementos culturais desenvolvidos por Vargas com o propósito de elaboração de uma identidade nacional e de sustentação de um regime político que alcançou o poder com o uso da força, necessitando, portanto, de símbolos a lhe conferir legitimidade.

Portanto, logo o governo Vargas tratou de produzir as suas próprias coleções biográficas, tendo sido as principais delas “Os nossos grandes mortos” e “Vultos. Datas. Realizações”, elaboradas, respectivamente, pelos dois órgãos mais influentes tanto na produção de políticas culturais do regime quanto na exaltação da imagem de Vargas e de seu governo: o Ministério da Educação e Saúde (MES) e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). “Os nossos grandes mortos” consistia em uma série de conferências apresentada de 1936 a 1938 e publicada em livros em 1945, pela editora Agir. Já “Vultos. Datas. Realizações” consistia em uma coleção de livros publicada nos anos de 1944 e 1945¹⁰.

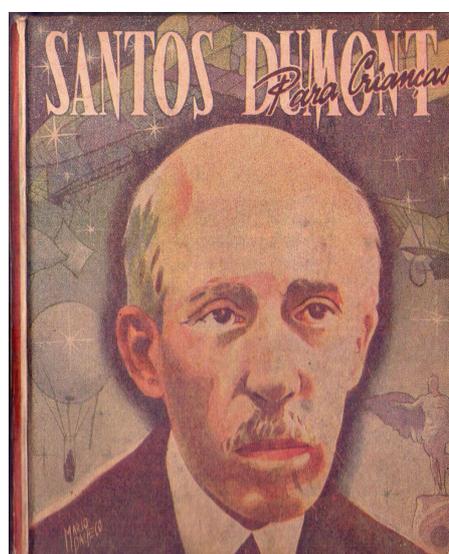
Nesta parte final do artigo, analisaremos de forma sucinta o livro *Santos Dumont para Crianças*, pertencente a outra coleção da década de 1940, chamada “Biblioteca Pátria”, com o objetivo de levantar algumas questões e apresentar alguns traços da representação de Santos Dumont, inserindo essa obra dentro do conjunto de políticas culturais empregadas pelo governo Vargas para aproximar o personagem histórico dos jovens e fazê-lo um herói. A coleção “Biblioteca Pátria” foi criada no ano de 1940 pelo “Suplemento Juvenil”, pertencente à editora *Grande Consórcio Suplementos Nacionais*, situada na cidade do Rio de Janeiro e dirigida por

¹⁰ Para uma análise dessas duas coleções, ver: FRAGA, 2015.

Adolfo Aizen, e era composta por um conjunto de livros intitulado “Grandes Figuras do Brasil”.

Getúlio Vargas para Crianças foi a obra inicial de lançamento da série, apresentada como um volume especial, cuja propaganda de divulgação presente em um número da revista *Vamos ler!*, de 1944, a descrevia como “o livro padrão da juventude brasileira, lido como um catecismo em todas as escolas” (SILVA, 2011: 32). Em suas primeiras páginas de apresentação, há

uma referência produzida pelo próprio Vargas, na qual este reitera o empenho do governo em propagar exemplos de patriotismo por meio dos “vultos nacionais” (SILVA, 2011: 22). Nos anos subsequentes foram publicadas mais 14 unidades, totalizando 15 exemplares, dentre os quais se encontra: *Rui Barbosa para Crianças*, *Raposo Tavares para Crianças*, *General Osório para Crianças*, *Anchieta para Crianças* e *D. Pedro II para Crianças* (SILVA, 2011: 22).



Embora a coleção, em um primeiro momento, não tenha sido produzida diretamente pelo governo Vargas, ela foi encomendada, a pedido do Ministério da Educação e Saúde, para ser distribuída nas escolas (SILVA, 2011: 32). Além disso, no início de 1940, a *Editora Grande Consórcio Suplementos Nacionais*, juntamente com outras empresas, é afetada pela política de estatização dos meios de comunicação promovida durante o Estado Novo, com o objetivo de manter a imprensa sob controle do governo. De acordo com essa ação, as empresas privadas que tivessem dívidas vencidas em bancos estatais poderiam ser incorporadas ao patrimônio público. O

Estado assumia as dívidas e em troca adquiria os bens e, no caso de editoras, a propriedade de todas as suas publicações. O Decreto-Lei nº. 2.073, de 08 de março de 1940, regulamentou o projeto e criou as *Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional*, das quais o *Grande Consórcio Suplementos Nacionais* passou a fazer parte em dezembro de 1941. Já incorporado ao Estado, ele passou, então, a ser controlado pelo DIP (SILVA, 2011: 22 e 23)¹¹.

¹¹ Sobre a data de incorporação do *Grande Consórcio Suplementos Nacionais* ao patrimônio do Estado, ver: “Superintendência do acervo da Brazil Railway Company e

Apresentando um formato leve e de fácil manuseio, próximo ao que hoje é chamado de livro de bolso, com cerca de 12 cm de largura por 13 cm de altura, além de 300 páginas, sendo 150 de texto e 150 de ilustrações, em pouco tempo a coleção já era um sucesso, alcançando ampla penetração entre a população e números significativos de venda. Somente o livro *Getúlio Vargas para Crianças* vendeu mais de 100 mil exemplares. Em matéria de jornal publicada em junho de 1942, comemorava-se o rápido esgotamento de exemplares e anunciava-se que em breve o volume 30.000 chegaria às livrarias, marcando o triunfo da biografia ilustrada do presidente¹². No mesmo mês e ano, Isaias Alves, secretário de Educação e Saúde do Estado da Bahia, adquiriu, para enriquecer o patrimônio das bibliotecas das escolas do seu Estado, 7.000 volumes¹³. O livro *Santos Dumont para Crianças* foi o 5º. Volume da coleção a ser publicado, chegando às livrarias no ano de 1942. O autor da obra, o jornalista e escritor Arthur de Miranda Bastos, produziu, ao longo de sua carreira, outros livros envolvendo as temáticas da aviação e de Santos Dumont¹⁴. Nas fotos acima, podemos

ver o folheto de lançamento da coleção¹⁵ e a capa do livro *Santos Dumont para Crianças*:

Durante agosto de 1942, mês de lançamento de *Santos Dumont para Crianças*, foram publicadas no Jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, quatro propagandas do livro, respectivamente nos dias 04, 06, 08 e 11, anunciando o lançamento e convidando a todos para adquirirem a obra. A análise desses anúncios nos permite apreender o discurso do emissor sobre o seu produto. Dois aspectos chamam atenção nos reclames. Primeiro, o destaque dado a uma das características mais empregadas nas representações sobre Santos Dumont, a sua genialidade: “A vida de persistência, tenacidade e grandezas, do maior gênio inventivo nascido no Brasil: Santos Dumont”¹⁶. Segundo, a tentativa de inserir o livro dentro do projeto maior de valorização da aviação empregado pelo governo Vargas.

O objetivo do livro não era contar apenas a vida de Santos Dumont, mas, partindo dela, levar o leitor a refletir sobre uma linha evolutiva do processo de domínio do ar. De acordo com as propagandas, “a história da Aviação, desde os seus primeiros dias, está resumida no livro Santos Dumont para Crianças”¹⁷. O desenho abaixo, retirado

empresas incorporadas ao patrimônio da União”. Jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, domingo, 28 de dezembro de 1941. P. 7.

¹² “Atinge o trigésimo milheiro o livro Getúlio Vargas para Crianças”. Jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 03 de junho de 1942. P. 6.

¹³ “Livros nacionalistas para as escolas da Bahia”. Jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, sábado, 13 de junho de 1942. P. 9. No Arquivo Getúlio Vargas, pertencente ao CPDOC/FGV, encontram-se dois exemplares do livro *Getúlio Vargas para Crianças*, provavelmente fruto da doação da editora ao ex-presidente. Classificação: 92 VARGAS/B277 g.

¹⁴ São eles: *O pai da aviação*, opúsculo de apenas 6 páginas publicado em 1936, um dos vencedores de concurso promovido pelo Touring Club do Brasil no final do ano anterior;

e *A história do aeroplano*, folheto editado na Coleção Panair, em 1943. Além disso, ele foi responsável pela tradução para o português do primeiro livro escrito por Santos Dumont, *Dans l'air*, publicado no Brasil em 1938 com o título *Os meus balões*. No prefácio, escreveu uma pequena biografia do inventor brasileiro. Ver: RAMALHO, 2013.

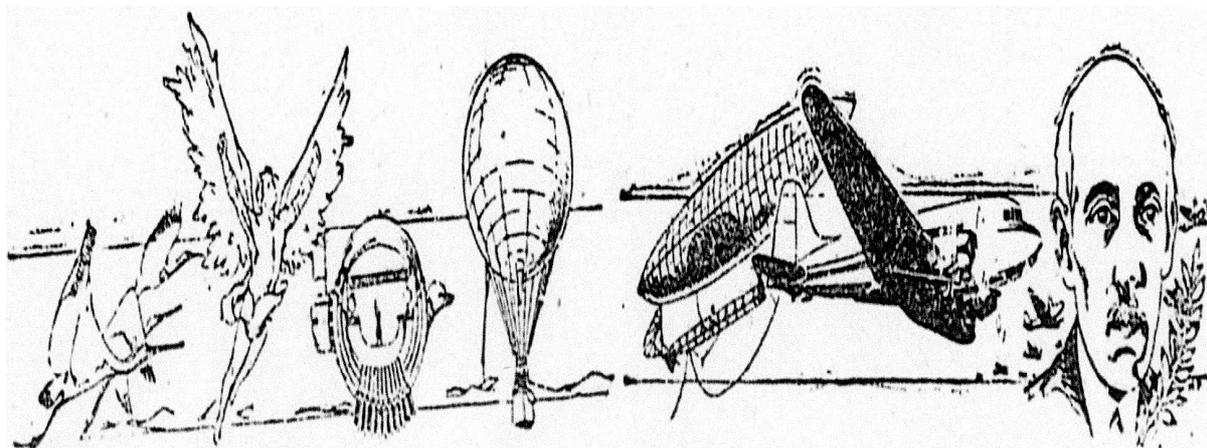
¹⁵ O folheto foi obtido em: <http://acervohistoricodolivroescolar.blogspot.com>. Acesso em: 09 de agosto de 2013.

¹⁶ Jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, terça-feira, 04 de agosto de 1942. P. 8.

¹⁷ Jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 06 de agosto de 1942. P. 7.

de um dos encartes publicitários, deixa bem clara essa tentativa de mostrar uma linha sucessória, na qual podemos ver, por exemplo, na terceira posição, a

passarola inventada por Bartolomeu de Gusmão; e na sexta, o avião moderno utilizado pela Força Aérea Brasileira:



Fonte: Jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, sábado, 08 de agosto de 1942. P. 9

À medida que, ao longo dos 13 primeiros capítulos, contava-se a vida de Santos Dumont, outros personagens iam sendo lembrados e apresentados aos pequenos leitores brasileiros. O narrador dava uma pausa na história sobre a vida do inventor e inseria informações a respeito de outros ícones da aviação nacional e internacional, começando com Ícaro e passando, por exemplo, por Augusto Severo, morto pela explosão de um balão. Contudo, é no último capítulo, o 14º, intitulado “A aviação e o Brasil”, que essa visão linear e evolutiva ganha seus contornos mais claros e expressivos. A biografia de Santos Dumont já havia sido encerrada no capítulo anterior, restando este justamente para contar às crianças a história da aviação no Brasil. O objetivo era o de demonstrar como, a partir do momento em que Santos Dumont inventou o avião, o Brasil já despertara o interesse na navegação aérea, procurando desenvolvê-la e assim honrar a glória de seu filho pioneiro.

Iniciava-se a narração no ano de 1911, com a fundação do Aeroclube Brasileiro, no Rio de Janeiro, passando por 1919, com a criação no Exército da Escola de Aviação Militar, até chegar ao apogeu com a guinada de Getúlio Vargas ao poder. Dentro dessa trajetória apresentada em 23 páginas, sendo 12 delas texto e 11 imagens, as ações empregadas por ele tiveram espaço de destaque e um papel fundamental: “esse ano de 1930 estava destinado a ser da mais transcendente importância para a aviação brasileira. Com a vitória dos ideais da Revolução, subiu ao poder o presidente Getúlio Vargas” (BASTOS, 1942: 288). Vargas, ao incentivar o desenvolvimento da aviação, na década de 1940, é apresentado como o líder iluminado que conduz o povo ao seu destino natural:

Estadista de visão ampla, Getúlio Vargas falou um dia: “a aviação é a predestinação histórica dos brasileiros”. E tem sabido sempre interpretar com justeza o conceito. É, em todo o mundo, o chefe do Estado que mais tem voado. A

Aviação tem dado tudo o que ela requer. Sua presença é quase um hábito nas festas de entrega de diplomas. E para que a Aviação possa atingir sua maior potencialidade, deu-lhe uma organização independente, criando, em janeiro de 1941, o Ministério da Aeronáutica (BASTOS, 1942: 290).

As ações empregadas pelo presidente no sentido de atender a essa considerada “natural predestinação do Brasil e de seu povo à aviação” fizeram dele e do primeiro ministro da Aeronáutica, Salgado Filho, as pessoas que mais honraram o trabalho iniciado por Santos Dumont:

A reunião de todas as atividades aeronáuticas sob a chefia de um homem já experimentado em outros postos de grande relevo, o ministro Salgado Filho, a transformação das forças aéreas do Exército e da Marinha em uma única entidade, a Força Aérea Brasileira, ou mais simplesmente, a FAB, permitiu a congregação do esforço de todos, para melhor desenvolvimento da obra comum, que hoje, ninguém pode negá-lo, honra perfeitamente a glória dos que a iniciaram (BASTOS, 1942: 292).

Para concluir, do ponto de vista das técnicas utilizadas para narrar a vida de Santos Dumont, podemos dizer que essa obra possui os elementos clássicos de uma biografia de cunho apologético, a começar pela ordem cronológica da vida do biografado, abordada na seguinte linha evolutiva: nascimento, infância, experiência com balões, auge da carreira com a criação do 14 bis e morte. O fortalecimento do patriotismo, com a demonstração de amor incondicional ao país de origem, outro elemento comum a esse tipo de construção narrativa, também não pôde faltar, marcando várias passagens do livro, como a que destacamos: “A

construção teve início. E um belo dia o balão ficou pronto. Patriota ardoroso, Alberto Santos Dumont pôs-lhe o nome do seu país: ‘Brasil’” (BASTOS, 1942: 82).

Somando-se ao patriotismo, não podemos esquecer a principal marca presente nas representações elaboradas sobre o personagem: a genialidade. Esse traço teria sido despertado desde cedo: “(...) Alberto, menino de calças curtas e olhos ingênuos, mas cujo cérebro refletia uma inteligência precocemente desenvolvida” (BASTOS, 1942: 14). Por ser inata, a genialidade o teria acompanhado a vida toda, mesmo quando a saúde já não o deixava tomar proveito do que o cérebro privilegiado podia oferecer: “sua saúde, porém, não lhe facultava executar tudo quanto o seu cérebro de gênio imaginava” (BASTOS, 1942: 168).

Outro traço presente nessa representação de Santos Dumont, que geralmente é apresentado associado à genialidade, é o da predestinação. O biógrafo, sabedor do futuro do personagem retratado, acaba por inventar um passado em que tais características já estariam totalmente bem demarcadas, sem as contradições decorrentes de uma identidade em construção. Dessa maneira, desde pequeno, Santos Dumont já havia definido o que iria fazer pelo resto da vida: “mas estava decidido. Quando crescesse, seria uma aeronauta. Com absoluta certeza” (BASTOS, 1942: 30). Nessa elaboração, o futuro inventor do avião, desde criança, já daria sinais de que não era igual aos outros meninos de sua idade, ao apresentar ações e sentimentos singulares e superiores. Tais ações e sentimentos, como uma força natural a despertar sua vocação, conduziam-no a um destino glorioso. Desde a tenra idade já lhe afloravam os

traços e preocupações de um grande inventor: “a tudo ele prestava atenção. Olhava as coisas com um cuidado do investigador. Gostava de saber o porquê daquilo que os seus olhos viam” (BASTOS, 1942: 14). Havia nele, portanto, uma necessidade de saber de que maneira as coisas eram feitas:

Escutava cuidadosamente as explicações que o pai dava aos capatazes. E quando visitava a usina permanecia horas inteiras apreciando os mecânicos desmontarem e consertarem as máquinas de despolpar café, e as outras. Sua inclinação pela mecânica era tal, que Alberto chegava a inventar pequeninas obras desse gênero. Um dia, sozinho, com talos de mamoeiro e outros materiais de emergência, construiu um pequeno moinho que funcionava tão bem como os grandes. Quando a máquina de costura de uma das irmãs se desarranjava, ele é que fazia os reparos (BASTOS, 1942: 16).

5 – Considerações finais

As práticas culturais apresentadas ao longo deste artigo devem ser compreendidas, portanto, dentro de um grande projeto cívico-patriótico do governo Vargas, que viu na figura de Santos Dumont um elemento a fortalecer um nacionalismo que estimulava na população o amor pelo Brasil, fazendo-a conhecer o país, seu passado histórico e os “grandes homens” que o habitaram. Com esse objetivo, como visto, várias políticas foram desenvolvidas em torno do inventor brasileiro, dentre as quais a ereção de um monumento em sua homenagem e a aparição de um coração atribuído a ele são alguns exemplos.

Somando-se às anteriores, outra tática utilizada para perpetuar a memória sobre Santos Dumont, elevando sua

posição no panteão nacional brasileiro, foi a de aproximá-lo dos jovens, um dos grupos com os quais o governo Vargas mais se preocupou¹⁸. Nesse sentido, uma forma encontrada de lograr êxito em tal empreitada foi a de desenvolver uma biografia voltada para aquele tipo de público: *Santos Dumont para Crianças*. Com ela, apresentaram-se aos pequenos brasileiros da década de 1940 a vida e a obra daquele cuja imagem de herói nacional o governo se esforçava em intensificar e cujo pioneirismo na aviação, questionado pelos Estados Unidos naquele momento, procurava-se ratificar.

Fontes e referências bibliográficas

Fontes

Arquivos

Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea – CPDOC

- Arquivo Getúlio Vargas

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB

- Arquivo/Fundo Paulo de Frontin

Jornal

- *A Manhã* (1941, 1942 e 1944).

Diário Oficial da União

- 07 de fevereiro de 1930

Sites

- <http://www.sbt.com.br/omaiorbrasileiro>
- <http://acervohistoricodolivroescolar.blogspot.com>

Livros

¹⁸ O jovem brasileiro foi preocupação constante das políticas públicas do Estado Novo e a sua presença era tão requisitada nas cerimônias cívicas organizadas pelo regime ditatorial quanto a dos trabalhadores ou a dos militares. Como mostra Maurício Parada, esses foram os três principais públicos a que as cerimônias estavam dedicadas (PARADA, 2009: 40).

BASTOS, Arthur de Miranda. **O pai da aviação**. Rio de Janeiro: Biblioteca de Divulgação Aeronáutica/Touring Club do Brasil, 1936.

_____. “Introdução”. In: SANTOS DUMONT, Alberto. **Os meus balões**. Rio de Janeiro: Biblioteca de Divulgação Aeronáutica/Alba Oficinas Gráficas, 1938. Pp. 5-37.

_____. **Santos Dumont para crianças**. Biblioteca Pátria. V. 5. Rio de Janeiro: Grande Consórcio Suplementos Nacionais, 1942.

_____. **A história do aeroplano**. [S. I.]: [s. n.], 1943. (Coleção Panair).

Referências bibliográficas

CATROGA, Fernando. **O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)**. Coimbra: Minerva, 1999.

DUTRA, Eliana de Freitas. A nação nos livros: a biblioteca ideal na coleção Brasileira. In: DUTRA, Eliana & MOLLIER, Jean Yves (Orgs). **Política, nação e edição. O lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII-XX**. São Paulo: Annablume, 2006. Pp. 299-314.

FRAGA, André Barbosa. **Os heróis da pátria: política cultural e História do Brasil no governo Vargas**. Curitiba: Prismas, 2015.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

PARADA, Maurício. **Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Apicuri, 2009.

RAMALHO, Valdir. “As biografias históricas de Santos Dumont”. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 11, n. 3, 2013. Pp. 687-705.

REZNIK, Luís. **Tecendo o amanhã (a história do Brasil no ensino secundário: programas e livros didáticos. 1931 a 1945)**. 1992. 287f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ: UFF, 1992.

SILVA, Ana Paula da. **“A lição da mocidade reta”: um olhar sobre biografias de Getúlio Vargas para crianças e jovens (1937-1945)**. 2011. 122f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UERJ, 2011.

*Recebido em 2015-02-04
Publicado em 2015-08-09*